

Pais interditam escola em ruína

Saracuruna, Nova Iguaçu — Foto de Vidal da Trindade /

"Se a escola cair em cima dos nossos filhos, quem serão os responsáveis?"; "Não vamos deixar cair em cima dos nossos filhos". Os dois cartazes na parede, junto à porta de entrada da escola estadual Alberto Santos Dumont (Rua Petrolina, s/nº, Vila Urussá, Saracuruna), justificam o comportamento dos 320 alunos, que resolveram interditar a escola que, na verdade — e a Secretaria de Educação, através do Centro Regional de Educação e Cultura — CREC, de Duque de Caxias, reconhece —, não tem condições de funcionamento.

A decisão da comunidade de impedir que as crianças freqüentem as aulas foi tomada quarta-feira, depois que a polícia dissolveu com violência a interdição de uma pista da rodovia Rio—Magé, na altura de Saracuruna, promovida para atrair a atenção das autoridades.

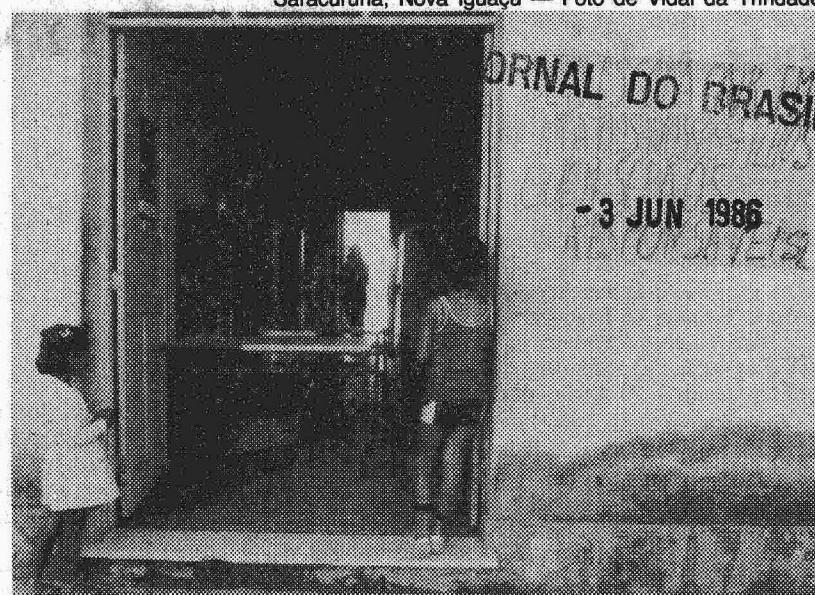
A diretora do CREC, Dalva Borges, reconheceu a gravidade da situação e justificou a demora na realização das obras na escola (cujo orçamento estava aprovado) pela necessidade da conversão de cruzeiros em cruzados e por estarem envolvidos no planejamento, além da secretaria, a Cedae e Secretaria de Minas e Energia.

— Mas as obras serão iniciadas ainda este mês — garantiu Dalva Borges.

A comunidade é carente e está sendo feito um levantamento para construção, em regime de urgência, de um Ciep, bem perto de onde está a escola que será reformada. A Santos Dumont, após a reforma e construção do Ciep, será transformada em pré-escola.

Há 14 anos

A Santos Dumont foi construída em 1972 e, desde então, não sofreu qualquer reforma. Em ofício enviado à assessoria de arquitetura (nº 07/85), em abril do ano passado, eram solicitados reparos de urgência. A água não podia ser usada em razão das péssimas condições das instalações hidráulicas.



- 3 JUN 1986

Mais de 300 alunos deixarão de freqüentar a escola

Em atendimento ao ofício, assinado pela diretora Ercília Faria Teixeira, várias equipes de engenheiros visitaram a escola e, reconhecida a necessidade da obra, ficou a promessa de que seria iniciada em dezembro ou janeiro passados, o que não se cumpriu. Outros ofícios reiterando a necessidade das obras foram feitos, sem resultado.

A situação da escola agravou-se: os esgotos dos banheiros não dão vazão; as paredes estão mofadas pela infiltração da água; as portas não têm trincos; e as poucas janelas que restaram não têm vidros, o que facilita a entrada de maus elementos, que ajudam na destruição do prédio.

Na semana passada a caixa de água rachou, as salas de aula ficaram inundadas e as paredes mais infiltradas ainda. A água da escola não pôde ser usada e os alunos tiveram de levar água de casa para beber. Os sanitários, sem água, não podem ser utilizados. Também por falta de

água, foram suspensas as merendas dos alunos; a eles são servidos apenas lanches.

Os alunos estão na faixa dos 7 aos 14 anos e cursam as 1a. e 2a. séries pela manhã; os das 3a. à 6a. séries estudam à tarde. A situação das 24 professoras não é melhor, pois também não podem usar a água ou os sanitários.

O movimento de interdição é liderado por pais e alunos e tem apoio total da associação dos moradores da Vila Urussá, à frente o presidente, Washington Williams da Silva, professor da escola, e Aneilda Bertoldo dos Santos, vice-presidente e mãe de alunos.

Segundo a diretora do CREC, são feitas gestões com igrejas para abrigar os alunos até que as obras de reforma estejam concluídas; existe possibilidade de solução do caso até o final da semana. As professoras têm comparecido diariamente.